



UMA REFLEXÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA CATEGORIA ASPECTUAL DO VERBO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA¹

Daniela Balduino de Souza Vieira²

Edma Regina Peixoto Barreto Caiafa Balbi³

Resumo

Este trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado que se desenvolveu a partir das novas propostas de ensino trazidas pela ciência Linguística, em especial pela Linguística Aplicada, e da observação do processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II. Para esta pesquisa, foi escolhida a categoria aspectual do verbo a fim de evidenciar que as abordagens adotadas e desenvolvidas, seja nos manuais didáticos seja nas gramáticas normativas, assim como nas práticas docentes, tendem a manter uma perspectiva restritiva e normativista da língua. Especificamente neste artigo, apresentamos uma revisão da literatura sobre a trajetória histórica do aspecto verbal com o propósito de evidenciar a importância dessa categoria para se promover um uso efetivo das línguas, em especial da língua portuguesa.

Palavras-chave: Linguística; Ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa; Aspecto verbal

¹ Este artigo foi apresentado no VI ENLETRARTE (Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes), no IFF *campus* CAMPOS CENTRO, em junho de 2015. Foi desenvolvido sob a orientação de Eliana Crispim França Luquetti, Prof^a Dr^a. do Laboratório de Estudos de Educação e Linguagem do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro/UENF.

² Mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Especialista no Ensino de Espanhol/LE pela Faculdade de Filosofia de Campos e Professora de Espanhol do Instituto Federal Fluminense *campus* CAMPOS GUARUS. E-mail dbalduino@iff.edu.br

³ Mestranda em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Especialista em Literatura Brasileira do Modernismo e em Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia de Campos e Professora de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal Fluminense *campus* CAMPOS CENTRO. E-mail ebalbi23@hotmail.com

1 Introdução

Observando o processo de ensino e aprendizagem atual e conversando com professores de Língua Portuguesa (LP) que atuam na segunda etapa do Ensino Fundamental, pode-se perceber que o ensino de LP ainda está voltado para uma perspectiva “tradicional” da língua, ou seja, ainda prevalece o ensino normativista. Talvez por isso ainda possamos nos deparar com um processo de ensino e aprendizagem engessado em prescrições de uso, em regras sustentadas por exceções e em estruturas descontextualizadas.

Este artigo, que é parte de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo foi refletir sobre a prática pedagógica do professor de LP, a partir da análise do ensino de verbos, mais especificamente da categoria aspectual do verbo, com ênfase nas construções perifrásticas, apresenta uma revisão da literatura sobre a trajetória histórica do aspecto verbal com o propósito de evidenciar que as abordagens adotadas e desenvolvidas, seja nos manuais didáticos seja nas gramáticas normativas, assim como nas práticas docentes, tendem a manter uma perspectiva restritiva e normativista da língua, conseqüentemente, desconsiderando toda dinamicidade e interatividade das ações comunicativas, tão importantes para se promover um uso efetivo da língua.

As perífrases estão cada vez mais presentes em nossa linguagem, seja escrita, seja oral, possivelmente por estarem carregadas de expressão, de significados que são, a todo momento, construídos e (re)construídos, por isso, especificamente, este artigo pretende promover uma reflexão a cerca da importância da categoria aspectual no processo de ensino e aprendizagem dos verbos e de toda carga significativa inerente ao ser uso.

2 Aspecto verbal: um breve relato histórico

Em seus estudos sobre a história e a estrutura da Língua Portuguesa (LP), Câmara Junior (1975) aponta que o verbo, desde o latim, já apresentava seu caráter flexional, apresentando uma orientação para dois sentidos: **i)** para indicar o sujeito do verbo, sendo “o ponto de partida da comunicação e a cuja presença é subordinado o que o verbo expressa” (p. 127); **ii)** para indicar características que compõem a significação intrínseca da forma verbal na língua. Esse caráter flexional dos verbos e os dois sentidos apontados a partir de seu uso também fazem parte do português, conforme nos apresenta Câmara Junior (1975):

A indicação flexional do sujeito constitui a desinência pessoal. (...) Pode-se dizer que em latim e português, como nas línguas indo-europeias em geral, a visão linguística é a de um mundo de seres a que tudo que se passa é necessariamente reportado. A expressão do verbo se faz essencialmente na “voz ativa” (CÂMARA JUNIOR, 1975, p.127).

Antes de se chegar ao constituinte final da flexão, a desinência pessoal – apresentada anteriormente como o instrumento para indicar o sujeito –, o autor diz que outro constituinte flexional antecede a indicação de flexão de sujeito. Segundo Câmara Junior (1975), esse constituinte “coloca a comunicação, através do verbo, **dentro dessas categorias que a língua leva necessariamente em conta**” (*grifo meu*) (CÂMARA JUNIOR, 1975, p. 128) e era representado no latim por três categorias verbais, enumeradas da seguinte forma: **i)** o “aspecto”, podendo ser “concluso ou inconcluso, (...) já na meta ou em desenvolvimento”; **ii)** “presente”, “pretérito”, “futuro”, isto é, a expressão de **tempo**, “a ocasião da ocorrência, vista do momento em que se fazia a comunicação”; **iii)** o “modo” expressava “a apreciação do falante a respeito do que dizia” (CÂMARA JUNIOR, 1975, p.128), com os modos indicativo (“formas gerais”), subjuntivo (expressão verbal dita como “duvidosa, desejável ou hipotética”) e imperativo (“ordens ou proibições”).

Juntamente a essas formas consideradas genuinamente verbais, os verbos em latim apresentavam outras estruturas, as quais hoje chamamos de formas nominais do verbo, são elas: o infinitivo, o gerúndio e o particípio. Essas estruturas formadas a partir dessas formas nominais constroem seus significados de forma integrada nas situações comunicativas. Câmara Junior (1975) apresenta-as assim:

Era próprio ainda do verbo em latim, ao lado dessas formas de estrutura genuinamente verbal, a existência de outras, de estrutura nominal, que eram centro de uma comunicação em si mesma incompleta, mas integrada numa unidade de comunicação mais ampla. Havia assim um “infinito”, ou infinitivo (...) para o aspecto inconcluso ou concluso, respectivamente. Um “gerúndio” (de aspecto inconcluso) (...) Sob a forma de adjetivos, achavam-se finalmente os “participios”: um presente, (...) um pretérito, de aspecto concluso, (...) um particípio futuro (CÂMARA JUNIOR, 1975, p. 128)

Percebe-se que os gramáticos latinos já apresentavam a categoria aspectual do verbo. Câmara Junior (1975) diz que Varrão (sec. I a.C), ao perceber a oposição entre evento concluso e inconcluso, dividiu as formas verbais do latim em dois grandes grupos, respectivamente: **i)** *perfectum* “perfeito” (feito cabalmente); **ii)** *imperfectum* “imperfeito” (não feito cabalmente).

Desde as línguas indo-europeias, as categorias verbais eram expressas pelas formas flexionais dos verbos, mas também pela combinação de duas formas verbais. Essas combinações de formas verbais são as formas perifrásticas (locuções verbais), que surgiram para atender às expressões categóricas que não eram atendidas apenas pelo quadro das flexões verbais. Câmara Junior (1975) ressalta que essa composição entre uma forma flexional auxiliar e uma forma nominal apresenta uma unidade semântica em seu uso, ao dizer que

o processo geral das línguas indo-europeias, na conjugação perifrástica, é combinar uma forma nominal do verbo com qualquer forma flexional de outro verbo selecionado para “auxiliar” no padrão perifrástico dado. A significação lexical do conjunto está na forma nominal, como da forma simples flexional está no radical. Na forma flexional auxiliar está a significação gramatical, que é dupla: a) de um lado, as categorias número-pessoal e modo-temporal, que se expressam na flexão do verbo auxiliar; b) de outro lado, a nuance categórica, privativa da construção, e que resulta da associação da significação lexical do auxiliar com o tipo de forma nominal que o acompanha (em português: particípio perfeito, gerúndio, infinitivo) (CÂMARA JUNIOR, 1975, p. 165-166).

As construções perifrásticas são composições morfológicas com base em uma locução. Os dois vocábulos fonológicos e morfológicos se associam em uma unidade semântica superior e as perífrases formadas são classificadas em função das formas nominais que as compõem: particípio, gerúndio e infinitivo. Essa unidade semântica alcançada por essa construção verbal é responsável por expressar a categoria aspectual dos verbos.

Este estudo trata especificamente das construções perifrásticas compostas pela forma nominal gerúndio. Segundo Câmara Junior (1975), as perífrases com o gerúndio expressam o aspecto durativo ou continuado e em qualquer tempo verbal indicado pelo verbo auxiliar que o acompanha. Segundo o autor, o verbo mais recorrente, em qualquer que seja o tempo, é o *estar*, mas essa construção pode ser formada por outros verbos, como: *ir*, *vir*, *andar*.

Outra perífrase de gerúndio citada pelo autor é a composta pelo verbo auxiliar *acabar*. Câmara Junior (1975) diz que esta construção expressa “o aspecto terminativo depois de uma demorada expectativa: *acabou saindo* (isto é, “saiu afinal”)” (CÂMARA JUNIOR, 1975, p. 171).

Vargas (2011), no primeiro capítulo de seu livro **Verbo e práticas discursivas**, também trata das categorias do verbo a partir de sua trajetória histórica para falar, especificamente, das categorias de tempo e aspecto. De início, a autora retoma as ideias de Meillet e Vendryes (1948 citado por VARGAS, 2011) em seus estudos comparados das

línguas indo-europeias, entre as quais estão o latim e o português. Para esses autores, o processo verbal pode ser expresso por duas formas:

- a) as *especiais*, usadas para expressar as diversas modalidades do processo, de acordo com o que o constata (modo indicativo), o que o imagina (subjuntivo), o que o deseja (subjuntivo, optativo), o que o comanda (imperativo) etc.;
- b) as *variadas*, que marcam as modalidades da duração, segundo consideremos o processo verbal num ponto ou num conjunto de seu desenvolvimento, em seu começo ou em seu término, segundo o observemos como inacabado ou concluído, limitado a si mesmo ou prolongado num resultado (VARGAS, 2011, p. 13-14).

Segundo Vargas (2011), Meillet e Vendryes (1948 citado por VARGAS, 2011) consideravam que o verbo indo-europeo exprimia com precisão as “modalidades de duração” (destaque da autora), o que, em geral, é denominado de aspecto. Mas a autora também apresenta a ideia de Buck (1948 citado por VARGAS, 2011) que considerava que o verbo indo-europeu, além de expressar diferenças aspectuais, expressava diferenças temporais, conforme apresentado no quadro abaixo⁴:

Tema do presente	A ação em desenvolvimento no próprio presente, mas também no imperfeito e, às vezes, no futuro. Ex. <i>Compro/Comprava/Vou comprar o carro.</i>
Tema do aoristo	A ação momentânea, pontual, ou observada em sumário, sem referência à duração e situada no passado. Ex. <i>Acabo/Acabei de comprar o carro.</i>
Tema do perfeito	A ação completa ou de um estado presente do sujeito, que resulta de ação ou de experiência prévia. Ex. <i>Comprei o carro.</i>

Vargas (2011) chama a atenção para o fato de os verbos em latim, na organização de seus tempos e modos, não conservarem o aoristo como um meio de expressar o passado. A autora ressalta que essas noções do aoristo não poderiam se perder assim, pois, ainda que as noções de presente e passado sejam marcadas por essas formas verbais, “o que se manifesta, sobretudo, é a intenção de situar o ato da compra [aqui a autora se reporta ao exemplo dado no quadro anterior] numa certa pontualidade do presente ou de um passado recente” (p.15). Essas formas são marcadas pelo aspecto pontual do aoristo, que não poderiam desaparecer do latim e que também existem no português. Para a autora, os aspectos verbais são formas expressivas importantes na linguagem.

⁴ Diferenças aspectuais e temporais (VARGAS, 2011, p. 15).

... já há muito tempo, os linguistas admitiram que, ao lado das noções de tempo, modo, pessoa, número e voz, as formas verbais expressam certas peculiaridades de sentido, os aspectos, que tornam tão especial esse fenômeno gramatical que é o verbo (VARGAS, 2011, p. 16).

Com esses apontamentos, tem-se clara a ideia de que as categorias de tempo e de aspecto sempre apresentaram uma relação estreita no uso das formas verbais, portanto, para que as construções verbais alcancem seus significados, os aspectos não podem ser ignorados no processo.

3. A Categoria Aspectual do Verbo

Para refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem de LP, não se pode deixar de tratar das noções aspectuais que os verbos e, conseqüentemente, as perífrases trazem nas mais variadas estruturas em que se concretizam nas diversas situações comunicativas. Esse estudo torna-se ainda mais relevante quando se considera que o processo de ensino e aprendizagem de línguas pautado em uma abordagem comunicativa pode ser mais eficiente, tanto para o aluno quanto para o professor.

Para Vargas (2011), há novas perspectivas de análise do fenômeno verbal que contrariam a abordagem tradicional em relação ao processo de ensino e aprendizagem dos verbos. No modo tradicional, o verbo é considerado como a palavra usada para exprimir ação, estado ou fenômeno e que, a partir de formas variadas, também expressa modo, tempo, pessoa, número e voz. A autora reconhece a importância dessas categorias do verbo para a construção de sentido; no entanto, se o trabalho restringe-se apenas à apresentação de modelos e quadros de conjugações e classificação de formas, isso não é alcançado.

Para se abordar a construção de sentido a partir do uso das formas verbais, isto é, a semântica do verbo, a categoria aspectual do verbo deve estar presente.

Ainda que os livros didáticos que chegam às salas de aula pouco ou nada tratem desse tema, estudiosos da língua, como Luiz Carlos Travaglia (1994) e Ataliba T. de Castilho (2010), têm importantes trabalhos que tratam da categoria verbal de aspecto.

Nos estudos apresentados por Castilho (2010) em *Nova Gramática do Português Brasileiro*, o tema **verbo** vai além dessa apresentação gramatical de referencial morfológico e sintático. O capítulo 10 – O SINTAGMA VERBAL – está dividido em três grandes temas: 10.1. Estatuto Categorial do Verbo; 10.2. Descrição do Núcleo Verbal; 10.3. Descrição dos Especificadores. Nesse percurso traçado pelo autor, encontramos abordagens mais

recorrentes, tanto nas gramáticas quanto nos livros didáticos, como um quadro que apresenta os tempos verbais e as estruturas morfológicas e estudos sobre a sintaxe, as vozes e os modos verbais. Mas também encontramos, inserida no segundo grande tema do capítulo 10, uma abordagem acerca da semântica do verbo.

Castilho (2010) inicia seu estudo sobre semântica do verbo apresentando as tipologias semânticas propostas para os verbos, dentre as quais destaca três: (1) as sistematizações de Aristóteles e de Halliday, (2) a distinção básica entre predicar e apresentar e (3) as classes acionais do verbo. Considerando o foco desse estudo, tomaremos mais em detalhe as classes acionais do verbo, visto que tal tipologia introduz a categoria semântica de aspecto do verbo.

Para Castilho (2010), ao se analisar o sentido lexical dos verbos observa-se que alguns indicam o término da ação e outros, uma ação que perdura. O autor traz como exemplo estas duas frases: a) *A criança **brinca** no jardim;* b) *A criança **caiu** do balanço.* Com essas construções o autor nos apresenta a classe semântica **imperfectiva**, que expressa uma ideia de duração, e a classe semântica **perfectiva**, que expressa uma ideia de pontualidade, e dentre as várias terminologias dadas por outros estudiosos para os verbos que desempenham esse papel, Castilho adota a seguinte: *verbos télicos e verbos atélicos.*

Dizemos que *brincar* constrói uma predicação imperfectiva, que exclui a pontualidade. Entretanto, para existir, a ação de *cair* tem que ter um começo e um fim quase simultâneos. Dizemos que *cair* constrói uma predicação perfectiva, que exclui a duração.

Essas duas classes semânticas sempre foram reconhecidas na literatura, tendo-se proposto mais de um par de termos para sua designação [...] por Garey (1957) *verbos télicos/verbos atélicos*. A última terminologia será adotada aqui. Ela se assenta no grego *télos*, “fim” (CASTILHO, 2010, p.416).

Porém, considerando-se a abordagem comunicativa e o caráter dinâmico da linguagem, temos que as classes acionais, tal como foram apresentadas logo acima (perfectiva/verbos télicos – imperfectiva/verbos atélicos), podem não dar conta das diferentes construções que surgem nas situações comunicativas, pois essa classificação é considerada de caráter mais genérico. Essas noções de pontualidade e de duração que surgem com as classes acionais dão início às noções aspectuais dos verbos, mas tais noções não se restringem apenas à terminologia dada ao verbo, pois outros fatores contribuirão para a caracterização dessas noções aspectuais:

(...) não se pode fazer uma descrição aspectual dos verbos se não se tomar em conta como eles foram flexionados. Uma indagação importante aqui será a de verificar a “vocalização aspectual das flexões verbais”, questão que levantei em Castilho (1968a). Aparentemente, o presente e o imperfeito simples e o gerúndio favorecem a emergência do imperfectivo. As formas de pretérito e

o participípio favorecem a emergência de perfectivo. As formas de futuro e as perífrases de *ir* + *-r* parecem bloquear o aspecto, mas tudo isso precisa ser examinado mais de perto (CASTILHO, 2010, p.417).

Assim como em Castilho (2010), em Travaglia (1994) também percebemos a categoria **aspecto** dentro dos estudos da Semântica. Para este autor, há uma certa limitação ao se estudar essa categoria, pois embora ela seja encontrada no verbo, sofre influência dos mais diversos elementos presentes na estrutura. Outro fator que também pode parecer um empecilho para se estudar essa categoria é a questão da sua dependência em relação ao contexto, seja o contexto linguístico ou o contexto extralinguístico. Castilho (2010) também aponta tais dificuldades ao dizer que “o aspecto não dispõe de morfologia própria no português, para codificar os significados aspectuais, o usuário combina diversos ingredientes linguísticos” (CASTILHO, 2010, p. 417).

No livro, *O Aspecto verbal no Português – A Categoria e sua Expressão*, Travaglia (1994) apresenta algumas definições para aspecto feitas por outros estudiosos: **(i)** segundo *Azaredo Filho*, **aspecto** “é a duração do processo verbal ou o prisma sob o qual ele é apreciado” (p. 26); **(ii)** *Bechara* diz que “muitas vezes o auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal dando origem aos chamados aspectos do verbo” (p. 27); **(iii)** *Luft* apresenta aspecto como “a categoria verbal que exprime a oposição término/não-término ou acabado/não-acabado, expressando a duração do processo” (p. 28); **(iv)** para *Pontes* “a maneira de ser da ação” representa o aspecto (p. 28); **(v)** *Garcia* define aspecto como “representação mental que o sujeito falante faz do processo verbal com duração e diz também que é a modalidade da ação, a sua maneira de ser, que não se deve confundir com modo verbal” (p. 30); **(vi)** para *Câmara Jr.*, aspecto é “a propriedade que tem uma forma verbal de designar a duração do processo, é a maneira de ser da ação e apresenta o processo verbal do ponto de vista da sua duração” (p. 32) e **(vii)** *Castilho* diz que aspecto “é a categoria que atualiza o processo definindo-lhe a duração, é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expresso pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento, é a representação espacial do processo, é a categoria que se reporta aos graus de realização da ação” (p. 36). As definições destacadas acima mostram-nos que as referências relacionadas às noções aspectuais não são poucas, que entre **aspecto** e **tempo** há uma relação direta e que essa categoria é importante na semântica das estruturas em que ocorrem.

Ao confrontar as conceituações de aspecto e listar as noções aspectuais levantadas, o autor diz ter percebido que as noções aspectuais enumeradas normalmente indicavam fases da situação que podem ser vistas de diferentes ângulos, os quais ele especificou assim: a) do

desenvolvimento da situação – início, meio e fim; b) do **completamento da situação** – situação completa e incompleta; c) da **realização da situação** – por começar, começada/não acabada e acabada. E, em seguida, Travaglia (1994) apresenta um conceito para definir aspecto, considerado por ele, mais sintético para defini-lo:

Aspecto é uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação (TRAVAGLIA, 1994, p.44).

Castilho (2010) também reconhece que há uma relação entre **aspecto** e **tempo** e diz que, embora os dois possam ser concebidos como propriedades da predicação, há uma forte distinção entre eles (CASTILHO, 2010, p. 418). Para esse autor, a interpretação do tempo tem de ser remetida à situação da fala, tomando como ponto de referência o sujeito falante, representando a anterioridade, a simultaneidade e a posterioridade; já o **aspecto** não depende de conceitos como o de intervalo e de inserção do ponto primário da linha do tempo, a categoria aspecto tem uma autonomia que lhe é dada por sua propriedade simbólica, o que não ocorre com a categoria tempo, que tem propriedade dêitica.

O quadro apresentado por Travaglia (1994) para representar seus estudos sobre a categoria aspectual do verbo⁵ mostra o início de um processo reflexivo sobre os valores aspectuais das estruturas verbais, pois, a partir dessas noções aspectuais simples – “uma única noção aspectual” (p. 84), pode-se chegar a várias noções aspectuais compostas – “combinações de noções aspectuais simples” (p. 83-84).

QUADRO III

NOÇÕES ASPECTUAIS			ASPECTOS	
I. DURAÇÃO	1. Duração	A. Contínua	a. Limitada b. Ilimitada	Durativo Indeterminado
		B. Descontínua	a. Limitada b. Ilimitada	Iterativo Habitual
		2. Não-Duração ou Pontualidade		Pontual
		Ausência de noções aspectuais		
II. FASES	1. Fases de Realização	A. Por Começar		Não-começado
		B. Não-Acabado ou Começado		Não-acabado ou começado
		C. Acabado		Acabado
	2. Fases de Desenvolvimento	A. Início (No ponto de início ou nos primeiros momentos)		Inceptivo
		B. Meio		Cursivo
		C. Fim (No ponto do término ou nos últimos momentos)		Terminativo
	3. Completamento	A. Completo		Perfectivo
		B. Incompleto		Imperfectivo
	Ausência de noções aspectuais			Aspecto não-atualizado

⁵ Representação dos estudos sobre a categoria aspectual do verbo (TRAVAGLIA, 1994, p. 85).

Diferente do quadro que apresenta os aspectos gramaticais morfológicos e sintáticos dos verbos, o quadro da categoria aspecto não está fechado em si mesmo e uma análise dos valores aspectuais deve considerar sempre outros fatores, dentre eles: flexão verbal, perífrases verbais, semantema do verbo, afixos, repetição do verbo, adjuntos adverbiais, tipo oracional, complemento do verbo, preposições, sujeito do verbo e ênfase entonacional (TRAVAGLIA, 1994, p. 132).

Desse modo, o autor deixa claro que os valores aspectuais dos verbos e demais construções verbais, em especial as perífrases, podem ser expressos pelo próprio verbo ou construção verbal, pela ação de um dos fatores citados ou, muitas vezes, pela ação conjunta desses fatores como meio de expressão aspectual.

Na descrição dos aspectos verbais feita por Castilho (2010), também é possível observar que há uma base que caracteriza as noções aspectuais simples e que estas serão a base para a composição das noções aspectuais compostas. O autor, assim como Travaglia (1994), trata da influência de outros fatores na expressão dos valores aspectuais dos verbos e construções verbais. Ao apresentar o aspecto perfectivo pontual, Castilho (2010) diz que “o presente, o pretérito perfeito simples e o pretérito mais-que-perfeito do indicativo flexionados com verbos télicos confirmam a pontualidade deste, **caso não intervenham outros fatores – grifo meu** – (CASTILHO, 2010, p. 424).

Castilho (2010) inicia a descrição dos aspectos verbais apresentando o **aspecto imperfectivo** como um aspecto de predicação dinâmica de sujeito na maior parte dos casos, que compreende uma fase inicial (imperfectivo inceptivo), uma fase em curso (imperfectivo cursivo) e uma fase final (imperfectivo terminativo). Nesse trabalho do autor, também há a identificação de que as perífrases predominaram sobre as formas verbais simples na expressão do imperfectivo (65% gerundiais, 32% participiais e 3% de infinitivo). Quanto à expressão dada pela composição do **imperfectivo inceptivo**, tem-se uma duração que destaca os momentos iniciais. Quanto à expressão dada pela composição do **imperfectivo cursivo**, tem-se a apresentação do estado daquilo que está em pleno curso, sem referir-se à fase inicial ou à final. Quanto à expressão dada pela composição do **imperfectivo terminativo**, tem-se o apontamento dos momentos finais de uma duração e, de acordo com Castilho (2010), essa expressão só ocorre em perífrases de *acabar de/por*, *cessar de*, *deixar de*, *terminar de + infinitivo*.

Em seguida, o autor apresenta o **aspecto perfectivo** como a predicação em sua plenitude (sem mencionar fases), também em predicação dinâmica de sujeito na maior parte dos casos, ocorrendo na figura de narrativa, com a identificação de dois subtipos: pontual e resultativo. Quanto à expressão dada pela composição do **perfectivo pontual**, tem-se que os verbos télicos confirmam a pontualidade quando o verbo está no presente, no pretérito perfeito simples e no pretérito mais-que-perfeito do indicativo flexionados, que “certas propriedades intencionais do sintagma nominal de sujeito afetam a telicidade dos verbos” (CASTILHO, 2010, p. 424) e que “os advérbios pontuais atribuem aos verbos a que se aplicam o sentido de subitaneidade da ação” (CASTILHO, 2010, p. 425). Nesse último caso, Castilho (2010) apresenta duas situações: (i) o advérbio apenas reforça a perfectividade de um verbo que já é télico e; (ii) quando o verbo é atélico, o advérbio aspectualizador altera as propriedades intencionais do verbo. Quanto à expressão dada pela composição do **perfectivo resultativo**, tem-se as seguintes propriedades: “(1) ocorre nas predicções estático-dinâmicas, associando um estado a uma ação; (2) a ação, necessariamente tomada no passado, é pressuposta; (3) o estado presente decorre dessa ação; (4) há relações entre o resultativo e a voz passiva” (CASTILHO, 2010, p. 425)

Finalizando sua descrição, Castilho (2010) apresenta o **aspecto iterativo** com as seguintes propriedades: representa uma quantificação do imperfectivo e do perfectivo, demonstrando haver uma composição que expressa um iterativo imperfectivo e um iterativo perfectivo, “o sujeito das predicções quantificadas é habitualmente /não específico/, pluralizado” (p. 426) e o componente léxico é mais irrelevante, acentuando-se outros fatores de natureza composicional para expressar esse aspecto. Desse modo, Castilho (2010) apresenta a **iteração e flexão de modo**, a **iteração e argumentos verbais**, a **iteração e advérbios quantificadores**, a **iteração e padrão sentencial**, e a **iteração e articulação discursiva**. Quanto à **iteração e flexão de modo**, tem-se que sua expressão é dada pelo presente, imperfecto, pretérito perfeito composto, pela perífrase e pela repetição do verbo (por exemplo: “*Tenho saído sim... mas em termos. / Eram papélotes: enrolavam... um pedacinho de papel enrolava enrolava e amarrava um papelzinho.*”) (CASTILHO, 2010, p. 426). Quanto à **iteração e argumentos verbais**, tem-se que sua expressão é dada com: “(i) sujeito nulo, seguido ou não de complemento nulo; (ii) sujeito retido, seguido ou não de complemento pluralizado; (iii) sujeito e/ou complemento quantificados” (CASTILHO, 2010, p. 427), sem ter importância se o núcleo da predicação é um verbo simples ou uma perífrase (por exemplo: *Porque tem que levantar... tem que vestir os dois... / Eles telefonam... falam com a pessoa*

(...) ou **ligam** para a casa da pessoa... aí conversam e a pessoa diz se está interessada.) (CASTILHO, 2010, p. 427).

Quanto à **iteração e advérbios quantificadores**, sua expressão é dada quando esses aspectualizadores “selecionam mais de um indivíduo no conjunto constituído da predicação verbal” e os significados iterativos gerados apresentam a predicação se repetindo de forma não específica – “(i) os advérbios em *-mente* derivados de adjetivos em cujas propriedades intencionais se encontra o traço de frequência / *O meu problema é doce... raramente eu como doce...*; (ii) o advérbio *sempre* / *A gente se encontra sempre todos os meses nesse jantar com os amigos.*; e (iii) os advérbios formados com o item *vez* quantificado universalmente / *Isso a gente vai de vez em quando.*” (CASTILHO, 2010, p. 428) – e de forma específica - “é gerada por adverbiais temporais formados por um sintagma preposicional quantificado, cujo núcleo é frequentemente omitido, e cujo complementador nominal tem por referente 'intervalo de tempo' / *Cada três meses nós jantamos fora.*” (CASTILHO, 2010, p. 429).

Quanto à **iteração e padrão sentencial**, tem-se que o significado iterativo é dado por três padrões: “(i) as aditivas em polissíndeto / *Os rapazes be::rram e berram porque to/... na sua maioria são pais de família então be::rram e vo::tam e fa::lam e acontecem... e as mulheres (...) são meio ausentes na hora de lutar*; (ii) as condicionais-temporais / *E vejam que eu sempre que eu tou falando eu me refiro aos autores porque nós estamos seguindo uma posição*; (iii) as temporais-proporcionais / *Na medida em que vai chegando na altura da pirâmide o problema de idade vai diminuindo*” (CASTILHO, 2010, p. 429-430). E, por fim, quanto à **iteração e articulação discursiva**, tem-se que “a iteratividade imperfectiva e perfectiva é favorecida pelas narrativas de eventos habituais e pelos discursos argumentativos” (CASTILHO, 2010, p. 430). Neste último caso, Castilho (2010) aponta que “os conectivos textuais encadeadores de evento” - *então, aí e agora* – configuram essa articulação discursiva.

Esses estudos apresentados por Vargas (2011), Castilho (2010) e Travaglia (1994) relacionam o ensino das noções aspectuais do verbo, bem como das demais (modo, tempo, pessoa, número e voz), a um processo de ensino e aprendizagem de LP mais reflexivo e direcionado para o caráter comunicativo, considerando não só a estrutura, mas também a semântica do verbo.

4. A categoria Aspectual do Verbo nas Gramáticas: da Gramática ao Livro Didático

Trataremos agora da influência da gramática na preparação dos manuais que são utilizados como parâmetros desde a formação do professor de LP até o uso da língua pelos alunos, ressaltando como o aspecto verbal é apresentado pela gramática normativa e pelo funcionalismo linguístico.

Para uma pesquisa que se propõe a analisar um material didático usado para o ensino de LP, faz-se relevante tratar da tarefa de preparação dos manuais que, geralmente, atuam como parâmetros iniciais para: **i)** a formação dos professores de língua; **ii)** a elaboração dos livros didáticos; **iii)** a preparação e prática pedagógica dos professores; e **iv)** a aprendizagem e, também, a atuação dos alunos. Certamente, ao ouvir essas duas palavras: manuais e parâmetros, os pensamentos de qualquer indivíduo se voltam para outra palavra: **gramática**. Para Castilho (2010), a gramática é uma ciência milenar que trouxe as descrições da língua.

Surgiu associada a preocupações filosóficas e literárias, e desenvolveu descrições da língua que, com o tempo, acabaram constituindo um tema autônomo de estudo. (...) No domínio da língua portuguesa, as primeiras gramáticas apareceram no século XVI, motivadas pela preocupação de dignificar a língua em face do latim e de educar os jovens no conhecimento das variedades mais prestigiadas. Começou assim uma tradição que atravessou os séculos e criou a necessidade de grandes manuais de referência (CASTILHO, 2010, p. 25).

Neves (2013) também se refere à ideia de que a gramática veio para “organizar as línguas”, a partir das descrições, seja pela coexistência de línguas diferentes em um mesmo meio, seja pela coexistência de falares diferentes em uma mesma língua.

Toda gramática tradicional ocidental está afeiçoada à trajetória que culminou na sua instituição. (...) Ligadas ao uso linguístico, existem sempre, nas diversas comunidades linguísticas, as modalidades não regradas da língua, ao lado de uma modalidade considerada a norma-padrão, à qual se atribuem qualidades “superiores”: ela seria mais regular, modelar, e, portanto, deveria ser seguida e perseguida. Isso é particularmente notável na codificação inicial da gramática ocidental, época em que a ameaça de sobrepujamento da língua grega pelos falares “bárbaros”, “corrompidos”, ou seja, não gregos, conduziu determinantemente nesse sentido toda a feitura das lições que os gramáticos produziam (NEVES, 2013, p. 33).

Entretanto, essas ideias de uma gramática modelar e normativa já não atendem às perspectivas linguísticas que reconhecem o caráter fluido da língua. Segundo Neves (2002), “a criação se desenrola e, nas novas obras, o mecanismo vivo da língua inventa torneios, mescla registros, rompe padrões tradicionalmente assentados e por muitos tidos como imutáveis” (p. 23) e, sendo assim, essa gramática modelar e normativa já não encontra sentido. A linguagem agora é o foco, o centro, e, conseqüentemente, essa língua de caráter

fluido se concretiza em situações interativas, nas quais devem ser considerados os aspectos estruturais, funcionais e semânticos.

Para Neves (2012), a gramática que é construída tendo por base “um edifício de doutrina petrificada” e que deixa a linguagem à parte deve ser substituída por outra. Nessa outra gramática, a linguagem é vista em um mundo de movimentação, de atuação, no qual “falamos, lemos, escrevemos (fazemos linguagem)” e, também, refletimos sobre a linguagem. Essa movimentação e reflexão indicam a complexidade da linguagem, o que é exemplificado pela autora quando ela diz que uma classe nem sempre expressa uma única função, bem como uma determinada função nem sempre é desempenhada por uma única classe. Vejamos a seguir:

Dedicar-se ao (re)conhecimento das entidades e das classes gramaticais representa penetrar no funcionamento de um sistema extremamente complexo e de unidades multifuncionais, que não se deixam fixar em conjuntos estanques, de limites absolutamente fixos. Essa multifuncionalidade diz respeito não apenas ao funcionamento no nível da estrutura das construções (sintático), mas também ao funcionamento no nível dos significados (semântico) e ao funcionamento no nível da interação linguística e da estrutura de informação (pragmático) (NEVES, 2012, p. 203).

Ao se estruturar um manual que orientará o ensino de LP, seja ele a gramática seja o livro didático, é importante buscar uma integração de seus componentes, pois categorias e usos implicam uma interação. Porém, essa integração deve estar presente não só nos manuais, mas também na prática docente nas escolas. Neves (2012) ressalta que a escola deve “propiciar uma reflexão sobre a língua que capacite os usuários a perceber os níveis de adequação, de pertinência e de eficiência dos usos, segundo as destinações que cada situação de uso requer” (NEVES, 2012, p. 208). Para que a linguagem seja de fato o foco, o centro, do processo de ensino e aprendizagem de LP, manuais, escola, professores e alunos deverão considerar a língua num contexto de interação, em que são igualmente importantes os aspectos estruturais, funcionais e semânticos da língua em uso.

Considerações Finais

Trazer a abordagem comunicativa para a prática pedagógica do ensino de Língua Portuguesa significa dar destaque aos valores semânticos dos verbos e perífrases verbais, pois os significados vão sendo construídos nas diversas situações de uso nas interações comunicativas cotidianas.

Ao se estruturar um manual que orientará esse ensino, seja ele a gramática, seja o livro didático, é importante buscar uma integração de seus componentes, pois categorias e usos implicam uma interação. Essa integração deve estar presente não só nos manuais, mas também na prática docente nas escolas.

Para que a linguagem seja de fato o foco, o centro, do processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, manuais, escola, professores e alunos deverão considerar a língua num contexto de interação, em que são igualmente importantes os aspectos estruturais, funcionais e semânticos da língua em uso.

Referências

CÂMARA JUNIOR, J. M. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CASTILHO, A. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

NEVES, M. H. de M. *A gramática: história, teoria e ensino, ensino*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. *A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____. *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa*. São Paulo: Contexto, 4 ed, 2013.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no Português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: EDUFU, 3 ed, 1994.

VARGAS, M. V. *Verbos e práticas discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011.